



REFLEXÕES SOBRE UMA AÇÃO DE FORMAÇÃO CONTINUADA COMO EIXO ARTICULADOR PARA PROCESSOS EDUCATIVOS INCLUSIVOS, NÃO SEXISTAS E RESPEITOSOS COM A DIVERSIDADE.

Ila Maria Silva de Souza¹

Resumo: O presente texto apresenta e discute uma experiência de formação continuada no âmbito do Projeto: Educação Inclusiva: tecendo gênero e diversidade sexual nas redes de proteção desenvolvido pelo Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras com apoio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação do Brasil. Dito projeto foi destinado, dentre outros, a profissionais da rede pública de educação básica visando à promoção do respeito à diversidade sexual, da equidade de gênero, do enfrentamento ao sexismo e a homofobia e da defesa dos direitos sexuais e reprodutivos de jovens e adolescentes em contextos escolares. Para fins desta reflexão elegemos alguns aportes da Fenomenologia de Husserl, pois a mesma nos ajuda na compreensão de alguns sentidos deste projeto, *lôcus* de aprendizagens significativas.

Palavras-chave: Educação, sujeitos-sócio-históricos, diversidade.

“Trata-se, então, do próprio problema da vida criadora: como ter um futuro não esquecendo do passado? Como fazer com que a paixão se ilumine sem se esfriar?”
(Gaston Bachelard)

A reflexão que ora proponho se inscreve no âmbito da interface entre filosofia e educação. A partir de uma experiência vivida articulo minhas ideias na tentativa de construir uma reflexão pautada em dois grandes campos do conhecimento para tematizar e problematizar o que considero uma ação de formação continuada inclusiva, comprometida com a pessoa e sua dignidade, respeitando a diversidade e as diferenças. Como espaço de construção de sentidos e de interlocução permanente, o campo filosófico e o campo da educação são prenes de significados, de sentidos, de construção de nossa humanidade.

¹ Professora e pesquisadora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia. Bolsista FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais durante o período de 12/2009 a 02/2010 na Faculdade de Filosofia da Universidade Santiago de Compostela, onde iniciou estudos sobre Edmund Husserl.
E-mail: ilamarias@gmail.com

Humanidade que hoje, em pleno século XXI, em geral, tem mais de (des) humanidades, haja vista o que acontece ao nosso redor e no mundo dito “globalizado”: preconceitos os mais diversos, discriminações étnico-raciais, de gênero, de condição socioeconômica, de orientação sexual, etc. etc. etc. Entretanto, esta constatação não deve servir para nos impedir, nos paralisar em nossas ações e reações frente às injustiças, aos desrespeitos à pessoa e aos direitos humanos. Ao contrário, devemos ser éticos, fortes e propositivos para enfrentar estas que considero graves mazelas de nosso tempo. Como reagir perante estas “quase obviedades” que repercutem em nossas vidas muitas vezes de modo catastrófico e devastador? Como não sucumbir perante “os fatos” dados e construir resistências para a construção de “outro mundo, outra vida possível”? Uma via importante para este enfrentamento, sem dúvida, são os processos educativos em geral, escolares e não escolares. Enquanto processos que promovem nossa condição humana, isto é, nos marcam e (des) marcam na direção de um vir-a-ser permanente e inacabado e que são essenciais para o fortalecimento da pessoa.

Pensar com Gaston Bachelard aqui, dentre outros pensadores, especialmente Edmund Husserl, significa assumir uma herança intelectual complexa, muitas vezes contraditória, sem, no entanto, recusar o compromisso que deriva de ações realizadas no âmbito da docência, da pesquisa e da extensão universitária nestas duas últimas décadas vividas como profissional no chão da universidade pública brasileira. Reconhecer esta herança e a validade ética deste compromisso significa também reconhecer minha responsabilidade em refletir, a partir de minha formação acadêmica no campo da Filosofia, acerca de questões centrais do meu, do seu, do nosso cotidiano, neste caso, o cotidiano a partir da vivência do Projeto: Educação Inclusiva: tecendo gênero e diversidade sexual nas redes de proteção.

Ainda que isso implique assumir riscos incalculáveis, a beleza de saber com Gaston Bachelard que nossa vida criadora implica em considerar a problemática de nossa temporalidade e ao mesmo tempo as vivências de nossas paixões me anima a seguir parindo este texto. Para tal intento apresento minhas reflexões nos seguintes tópicos: 1 – Contextualizando o Projeto: Educação Inclusiva: tecendo gênero e diversidade sexual nas redes de proteção; 2 - Algumas matrizes importantes do pensamento fenomenológico de Husserl; 3 – Alguns sentidos do Projeto: Educação Inclusiva: tecendo gênero e diversidade sexual nas redes de proteção e 4 – A guisa de conclusão.

1 – Contextualizando o Projeto: Educação Inclusiva: tecendo gênero e diversidade sexual nas redes de proteção

O Projeto: Educação Inclusiva: tecendo gênero e diversidade sexual nas redes de proteção foi desenvolvido durante o ano de 2008 pelo Departamento de Educação da

Universidade Federal de Lavras sob a coordenação geral das Profas. Cláudia Maria Ribeiro e Ila Maria Silva de Souza. Com apoio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação do Brasil foi uma das 12 ações selecionadas em nível nacional por esta Secretaria para trabalhar com cursos de formação continuada, dentre outras atividades, para profissionais da rede pública de educação básica visando à promoção do respeito à diversidade sexual, da equidade de gênero, do enfrentamento ao sexismo e à homofobia e da defesa dos direitos sexuais e reprodutivos de jovens e adolescentes em contextos escolares, visando também à construção de redes de proteção que atuem no sentido de fomentar a dignidade da pessoa humana em seus contextos de vida.

Diversas ações foram realizadas no âmbito deste Projeto, tais como: publicação de uma obra intitulada Educação Inclusiva: Tecendo Gênero e Diversidade Sexual nas Redes de Proteção; 01 curso de formação continuada na temática da educação e sexualidade humana para educadoras/es da rede pública de ensino das cidades participantes; Seminários itinerantes em cada cidade participante para problematização dos temas desta obra publicada; a realização do I Colóquio: Filosofia, Educação e Diversidade Sexual com o Tema: Educação e diversidade sexual: a problematização da discriminação por orientação sexual e identidade de gênero nas escolas como elemento dinamizador para o incremento da qualidade da educação, dentre outras.

Uma destas ações, sob meu juízo, teve uma especial relevância: os Seminários itinerantes realizados para e com docentes da educação básica, agentes de saúde da família, conselheiras/os tutelares, integrantes do Projeto Sentinela, dirigentes municipais e demais pessoas da comunidade realizados em cada uma das 22 cidades participantes do projeto. Estas cidades são todas participantes do Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil, a saber: Alfenas, Cambuquira, Campo Belo, Carmo da Cachoeira, Lavras, Nepomuceno, Paraguaçu, Perdões, São Francisco de Paula, Três Corações, Três Pontas, Varginha, São Bento Abade, Santana do Jacaré, Bom Sucesso, Carrancas, Ibituruna, Ilícinea, Itumirim, Itutinga, Oliveira e Boa Esperança. Esta relevância se expressa, por exemplo, no compromisso assumido por estes sujeitos mencionados para fazer a leitura e o fichamento da obra acima citada antes da realização do Seminário. Por ocasião dos mesmos o debate e a participação na discussão dos temas eram, sem dúvida, qualificados e pertinentes, o que possibilitou tanto desencadear novos processos de formação quanto consolidar os já existentes, o que, sem dúvida, fará a diferença nas comunidades.

Os principais objetivos desenvolvidos durante a execução deste Projeto foram: 1 – Mobilização da sociedade para participação na política de prevenção dos abusos, ofensas e

violências sexuais; 2 – Organização de instrumentos de controle social planejado e compartilhado; 3 – qualificação em nível de formação continuada das/os educadoras/es da educação básica na temática da sexualidade humana e seus desdobramentos; 4 – Incremento à participação e exercício pleno da cidadania e 5 – Fomento à Educação em e para os Direitos Humanos.

Assim, em linhas gerais considero que: 1 - esta experiência de formação continuada como início e consolidação de processos educativos críticos foi um importante espaço de construção e reafirmação de cidadanias; 2 - *lócus* por excelência de constituição de redes de saberes e compartilhamento de responsabilidades no enfrentamento de questões fundamentais para nossa qualidade de vida como pessoas e sujeitos sócio-históricos e culturais.

2 – Algumas matrizes importantes do pensamento fenomenológico de Husserl

Para nos acompanhar neste percurso optei por caminhar guiada por algumas das ideias de um dos grandes mestres da Filosofia do século XX: Edmund Husserl.

A Fenomenologia de Husserl (1859-1938) é um chamado imperativo à desconstrução de estereótipos e preconceitos forjados e conformados intersubjetivamente em nosso mundo cotidiano da vida circundante (*Lebenswelt*). Pensar com as categorias de análise deste filósofo nosso cotidiano histórico concreto significa incluir a reflexão sobre as estruturas de nossas vidas e os desdobramentos de nossas ações sempre situadas, culturalizadas, intersubjetivadas, “sujeitizadas” (SOUZA, 2007). Husserl por suas contribuições filosóficas ao fundar a Fenomenologia deve ser considerado um pensador inovador ao lado de tantos outros no início do século XX, como por exemplo, Gaston Bachelard.

Com efeito, conforme assinala Pintos Peñaranda:

Husserl inicia un modo de interpretar la realidad humana bien diferente a los habidos hasta entonces en la tradición racionalista. Y es que, según él, hay un hecho básico e insuprimible para todos los humanos por igual: todo humano es para él, ante todo, un ser vivo, es decir, no un cogito interior, no un ser cuya esencia está en su interior sin que necesite del cuerpo ni del mundo, no un ser que tiene en el plano del entendimiento racional su esencia, sino un viviente, un existente”. (PINTOS PEÑARANDA, 2004, p. 135).

Pensar nesta perspectiva significa assumir nossa condição de igualdade no pertencimento ao mundo cultural, a uma tradição histórica, a uma comunidade de viventes aprendentes cujo desafio cotidiano em última instância é a construção da autonomia e da dignidade como um dos pilares da existência. O que também significa assumir a imensurável responsabilidade ética com o outro e a outra, condição inegável de meu ser sujeito.

Husserl indica que considerar tanto os objetos quanto os sujeitos como partes essenciais da *com* (vivência) é condição *sine qua non* para construir e significar nossa existência, nossa consciência perceptiva. Em suas palavras:

“Así pues, sea como sea consciente el mundo en tanto que horizonte universal, en tanto que universo unitario de los objetos que son, nosotros, cada Yo, cada hombre y nosotros lo unos con los otros en el mundo, pertenecemos al mundo que precisamente en este “vivir-los-unos-con-los-otros” es nuestro mundo y el cual es y es válido para nosotros de un modo conforme a consciencia”. (HUSSERL, 1991, p. 113).

Esta consciência da qual nos fala este filósofo não é de modo algum uma consciência descarnada, etérea, meramente “espiritual”. Mais bem se trata de uma consciência encarnada, corpórea, em atividade permanente. Consciência emanada e constituída em uma corporeidade perceptiva em constantes inter-relações com o mundo e com os demais. O que implica considerar o ser humano em uma dimensão complexa e em contextos de necessidades múltiplas. Neste sentido é fundamental sublinhar o valor da experiência corpórea-perceptiva-prática de cada sujeito. A partir da referência corporal, encarnada é que tem sentido pensar nos contextos de vida, de produção de objetividades, subjetividades/intersubjetividades² e culturalidades. De acordo com Husserl:

“Aprenderemos a comprender que el mundo, que es constantemente para nosotros en la fluida transformación de las formas de dación, es una adquisición espiritual universal, y que lo es en tanto que figura devenida y que, al mismo tiempo, continúa deviniendo como unidad de una configuración espiritual, en tanto que figura de sentido – en tanto que figura de una subjetividad universal funcionante en último extremo. En relación con ello, a esta realización constituyente del mundo pertenece esencialmente al hecho de que la subjetividad se objetive a sí misma como subjetividad humana, como parte integrante del mundo”. (HUSSERL, 1991, p. 118).

Assim, esta subjetividade que é radicalmente coletiva, isto é, intersubjetividade, traz consigo a marca indelével de uma consciência encarnada portadora de *intencionalidade* que recusa todo objetivismo e todo logicismo herdado da tradição ocidental. Pois:

“Para Husserl, lo psíquico, la conciencia, no puede quedar reducida ni a ser un mero receptor mecánico y pasivo ni a leyes lógicas, racionales que supuestamente traiga consigo. No, el carácter esencial del psiquismo es la *intencionalidad* o *vivencia intencional*, la cual no puede confundirse con algo intelectual meramente ya que en ella interviene el sujeto *viviente y personal*, con su *corporalidad*, y no sólo su “conocimiento racional”. El sentido del mundo, el sentido de las cosas, es puesto por el sujeto de un modo *vivido*, es decir, ni mecánico, ni logicista. Es el sujeto íntegro, como existente que vive situado corpóreo-perceptivo-prácticamente quien va creando el sentido de su mundo en cada momento. De tal modo que (sentido del) mundo y sujeto, objeto y sujeto, son dos polos – analíticamente hablando – de lo que es una y la misma unidad *intencional*”. (PINTOS PEÑARANDA, 2004, p.139-140).

Em face desta reflexão acima se pode destacar o quão importante é o conceito de intencionalidade para Husserl e o que implica pensar este conceito em estreita relação com o de consciência (aqui considerada sob o ponto de vista filosófico). Consciência que é situada,

²Lembro-me das análises realizadas por PINTOS PEÑARANDA, 2007 em “Actitud natural”, intercorporeidad y empatia emocional en el “mundo de la vida” humano. Análisis fenomenológico, onde a mesma afirma que em Husserl a subjetividade é intersubjetividade. Isto é, só tem sentido falar em subjetividade desde a perspectiva da construção coletiva do sujeito, da alteridade como condição *sine qua non* de ser sujeito.

encarnada, datada em um tempo e em um espaço e que, desde esta perspectiva, só tem sentido referenciada a realidade vivida, existente em um corpo enquanto um texto cultural e social.

Consciência que nesta perspectiva assume necessariamente um caráter de abertura, de transcendência, estreitamente ligada à experiência vivencial, perceptiva, práxica. Deriva desta compreensão que a consciência é parte indissociável do ser sujeito intersubjetivamente, constituindo-se em e a partir de uma necessária materialidade que se expressa através das vivências intencionais.

Neste sentido as vivências intencionais implicam considerar diferentes fatores, tais como: a materialidade do real em suas distintas manifestações, a condição corpóreo-perceptiva-práxica do sujeito, a espacialização e a temporalização do sujeito, os valores afetivos ou emotivos, os aportes culturais assumidos e construídos, dentre outros fatores. De modo que se pode dizer que para Husserl consciência é intencionalidade, é consciência de cada sujeito em íntima e estreita relação com o mundo e com os outros – intersubjetivamente - em sua condição irrecusável de ser corpóreo-perceptivo-práxico.

3 – Alguns sentidos do Projeto: tecendo gênero e diversidade sexual nas redes de proteção

Refletir sobre os sentidos de algo e/ou de alguma coisa não é tarefa fácil. Sobretudo em se tratando de uma ação de longo alcance formativo como foi e de certo modo, continua sendo o deste Projeto: Educação Inclusiva: tecendo gênero e diversidade sexual nas redes de proteção. Mesmo tendo decidido no início deste texto caminhar com algumas importantes idéias da Fenomenologia de Husserl sou ciente de que a tarefa não é fácil. Então, inicio com uma vasculhada em um Dicionário Crítico Etimológico (COROMINAS, 1954) que me diz para este verbete que o mesmo é um derivado do verbo Sentir que provém do latim Sentire, isto é, perceber pelos sentidos, dar-se conta, pensar, opinar. Ora, munida desta informação, me acerco ao meu objetivo central nesta terceira parte que é analisar alguns sentidos do já citado Projeto desenvolvido durante o ano de 2008, conforme explicitado anteriormente. Minha mente segue dando voltas, pois analisar não é sabidamente uma tarefa fácil, ao contrário. E analisar fenomenologicamente, que é aqui meu intento, talvez seja uma tarefa que se pode chamar quase “hercúlea”, mais... sigo ... adiante...

Considerando a informação do Dicionário consultado opto por analisar os sentidos que busco na direção da percepção pelos sentidos, do dar-se conta de corpo inteiro, incluindo tanto os órgãos dos sentidos (do ponto de vista fisiológico) quanto à percepção pela consciência expressa pelo pensamento através da opinião. Esta decisão é acorde com o referencial fenomenológico que me orienta neste escrito. Busco em minhas memórias de

pesquisadora e em meus rabiscos realizados durante as ações do projeto, em especial dos Seminários, indícios que me conduzam a esta re-captação pretendida. Aqui me reporto a Bachelard novamente para me lembrar que nossa verve criadora está diretamente ligada a nossa condição humana. A nossa temporalidade. A nossa imaginação que possibilita tornar presente algo ausente ou ainda não existente. O que implica a convivência com nossa corporeidade encarnada mais também com nossa transcendência, pois neste percurso certamente necessito deste estado criador e transcendente para “iluminar” meus caminhos na tessitura de minhas ideias.

Esta reflexão me possibilita avançar e afirmar que um dos sentidos mais fecundos deste Projeto, segundo minha apreciação, foi, sem dúvida, a adesão comprometida das/os educadoras/es da rede pública de ensino de nossa região além dos demais sujeitos que participaram das diversas ações do projeto através da participação nas diversas atividades realizadas, sobretudo nos Seminários nas cidades. Uma adesão pautada no compromisso de construir subjetivamente e intersubjetivamente (no sentido fenomenológico) melhores realidades cotidianas. Uma adesão que afirma o desejo expresso de querer estar com-o-outro, participar desde sua realidade corpórea-perceptiva-prática preche de existência, imersa e emersa no mundo da vida cultural concreta (*Lebenswelt*) onde o estar-aí significa sempre estar irremediavelmente ligado ao outro ser sujeito, de certo modo, razão e condição de minha existência como vivente.

É, pois, neste cenário que reconheço um dos mais emblemáticos sentidos deste projeto. O estar-aí nos diferentes momentos das ações, interagindo, usando sua corporalidade para se comunicar com os demais, anunciando e denunciando com gestos corpóreos sua comodidade e/ou incomodidade com os temas tratados, discutidos. Gestos que se expressavam, por exemplo, com trejeitos das faces, movimentos das mãos, falas, risos, o próprio modo de sentar, etc., são indícios importantes para se perceber como, de certo modo, os sujeitos sentiam e significavam no processo de desenvolvimento das ações mencionadas. Sentidos construídos e reconstruídos desde suas percepções vivenciais, uns-com-outros, onde o lugar da consciência encarnada se constitui, por excelência, o lugar da promoção da intencionalidade situada, datada, portanto, portadora tanto de um aqui e agora quanto de um... ainda não mais é possível. Sem dúvida, este caráter de perspectiva abre infinitas possibilidades para se construir mudanças. Mudanças de pensamento, de atitudes, de posturas que alimentem ações no “mundo da vida”. Ações que tanto pertencem ao âmago da mera facticidade quanto da mais “alta transcendentalidade”. Ações que tanto podem estar no plano do mero fenômeno quanto no mais “alto plano” fenomenológico.

O pertencimento ao “mundo da vida cultural concreto” de certo modo nos é dado ao nascer, mais requer, também, que aportemos sempre algo no sentido inexorável de construção de nossas vidas. Estas apertações que são de diversos e diferentes níveis quantitativos e qualitativos nos com (formam) mais também nos abrem para construirmos outras possibilidades. Se pensarmos na direção que nos indica Husserl, de considerarmos a consciência (sob a perspectiva filosófica) encarnada e intencional neste “mundo da vida cultural concreto”, sempre aberta para as possibilidades, podemos assinalar que, no contexto do citado projeto, distintas oportunidades de vivências e reelaborações conceituais e práticas deram o tônus por excelência nas distintas atividades. Aqui se demarca outro importante sentido que quero destacar. O sentido de abertura vivenciado nas diferentes ações realizadas. Abertura que se pode observar, por exemplo, durante os Seminários, expressando-se através da fala das/dos participantes, quer se reportando ao tema então discutido sob a perspectiva teórica, quer de modo pragmático através de exemplos vividos no cotidiano, quer em ambas as direções.

Este sentido de abertura, onde se constrói a opinião fundamentada é um componente nuclear que permite avanços qualitativos na compreensão e na construção do “mundo da vida cultural concreto”. O que leva, em certo sentido, a possibilidade da construção de uma atitude fenomenológica cujo enfoque necessariamente precisa ser do ser humano como um sujeito de relações, de produção de intersubjetividades, aberto ao infinito, posto que a razão aqui só tem sentido se for pensada como ponto de chegada e não de partida. Assim, o sentido de abertura aqui considerado incita ao acolhimento das diferenças e dos diferentes e remete a própria etimologia da palavra sentido tal como aqui se expressa no início desta terceira parte. Ou seja, dar-se conta pelos sentidos, opinar, pensar... em última instância, viver no sentido husserliano deste termo.

4 – A guisa de conclusão

O exercício de pensar os sentidos (alguns, neste caso) de um projeto educativo como este, ainda que não seja uma tarefa fácil, é necessário. Necessário porque nos permite problematizar e refletir sobre situações de aprendizagens já oportunizadas, portanto a possibilidade de crescimento intersubjetivo está posta. Necessário porque o desenho e a realização do projeto em tela implicaram em assumir compromissos, tanto com a instituição enquanto uma instituição que assume as demandas de algumas políticas públicas, quanto pelo compromisso ético, político e técnico de trabalhar diuturnamente pela construção de uma sociedade inclusiva, intersubjetivamente responsável. Responsabilidade esta que implica também em assumirmos a refundação de uma sociedade baseada na ética do cuidado de si e

do outro como um dos seres do universo, com suas peculiaridades, suas demandas, seus ideários tanto pragmáticos quanto ideológicos e de outros matizes, mais sempre ideários que dão suporte e constroem o mundo da vida.

Assim, este texto teve e tem a pretensão modesta de contribuir, desde um olhar fenomenológico, a compreender alguns sentidos do Projeto: Educação Inclusiva: tecendo gênero e diversidade sexual nas redes de proteção com o intuito de fomentar outros debates que oportunizem aprendizagens significativas. Que colaborem em processos formativo-educativos de sujeitos sócio-históricos e culturais onde a dimensão corpórea-perceptiva-prática, com destaque para a consciência encarnada, intencional, seja *lócus* de compromisso ético e político na construção de um mundo da vida concreto cultural mais fraterno, mais inclusivo, mais acolhedor das diferenças e das diversidades para uma humanidade intersubjetivamente mais solidária.

Referencias Bibliográficas

COROMINAS. J. V. IV. Diccionario Critico Etimologico de la Lengua Castellana. Madrid: Editorial GREDOS, S.A, 1954.

HUSSERL, Edmund. La crisis de las ciencias europeas y la Fenomenología Transcendental. Barcelona: Editorial Crítica, 1991.

PEÑARANDA, Maria Luz Pintos. Fenomenología del objeto vivido frente al olvido del objeto-para-el-sujeto por parte del “Objetivismo” Naturalista. Duererías. Revista de Filosofía, N.4, 2004.

SOUZA, Ila Maria Silva de. Os fundamentos antropofilosóficos da epistemologia de Gaston Bachelard. Santiago de Compostela: Servicio de publicaciones da Universidade Santiago de Compostela,2007.